



CONFRARIA DAS LAGARTIXAS



$XX + XY$

---

CONTO

GIOVANNA MADALOSO

**E**

uma experiência tão acachapante que até a barriga demora em se tocar que algo aconteceu. Ela fica lá, grandona e oca, iludida de que ainda está cheia, de que ainda está abrigando alguém, e só algum tempo depois volta ao normal. A mulher também demora para voltar ao normal e, assim como a maioria das barrigas, nunca mais será a mesma. Eu estava exatamente nesse estágio, deitada na cama da maternidade, ainda fedendo a placenta, ainda me adaptando à minha nova realidade, quando ele apareceu.

Ele estava diferente sem a barba. Só reconheci na hora que ele era ele pelo jeito estranho de andar, um jeito meio gingado. Meus amigos, que estavam no quarto, olharam para

mim como que perguntando: quem é esse?, mas eu não disse nada. Só fiquei observando ele atravessar o quarto e parar junto ao Moisés. Ele ficou um tempo ali, olhando encantado para o meu filho, como se os dois estivessem sozinhos. Depois se inclinou para a frente e fez um carinho nele. E só então veio até mim. Me deu os parabéns e disse que apareceria de novo dentro de alguns dias. Antes de sair, me entregou um presente. Rasguei o papel e encontrei uma pasta de couro, de uns quinze centímetros de largura, com uma bolinha de plástico dentro. O que é isso?, perguntei. Um ônibus, ele disse, e foi embora.

Uma égua leva doze meses para gestar um filhote. Ao fim desse tempo, o filhote está pronto. Consegue andar, ir atrás da teta, se virar sozinho. A mulher não consegue levar a gestação até esse ponto porque, se levasse, o bebê cresceria demais e não conseguiria passar pelas ancas. Então, por uma questão física, a mulher precisa parir o filhote antes que ele esteja maduro. Resultado: nos primeiros meses de vida, o bebê depende da mãe para tudo. Não consegue buscar o próprio alimento. Não consegue se virar de barriga para baixo, fica que nem uma barata deitada sobre o próprio casco, sacudindo pernas e braços num esforço débil. Não consegue se desvencilhar da morte, da ameaça constante de engasgar no próprio vômito. A mãe tem que pôr o bebê para arrotar depois de cada mamada. E era isso que eu estava fazendo quando me deu uma baita vontade de ir ao banheiro. Eu já tinha voltado da maternidade. Estava em casa, sem ninguém para me ajudar. Fui com meu filho no colo até o banheiro, abri a calça e sentei na privada. Caguei. E, enquanto isso, ele regurgitou no meu colo.

Um jato de leite azedo que escorreu pelo meu braço e pela minha barriga. Quando tentei me limpar, ele se mexeu de um jeito brusco e abriu a ferida do meu mamilo, que estava rachado. Comecei a chorar. E meu filho, sempre em simbiose comigo, chorou também. (...)

|

(...) Nos acolhemos, nos grudamos  
um ao outro. Uma bola de fezes, vômito,  
sangue, lágrimas e muco se amando  
intensamente.

|

Sr. Fábio, o porteiro disse pelo interfone. Fui até a porta. Antes de abrir, aproveitei para observá-lo um pouco pelo olho mágico. Era feio mesmo. Sem a barba, dava para ver o quanto seus lábios eram finos, o quanto seu queixo era miúdo. Além disso, estava cada vez mais calvo, mas apesar da pouca quantidade de cabelo, chegou a penteá-lo, a jogá-lo para o lado, eu vi pela lente. E então abri a porta. Nos cumprimentamos, meio sem jeito com a presença um do outro. Eu disse: entra, fica à vontade, mas ele não conseguiu. Ficou parado no canto da sala, tentando disfarçar a curiosidade que o fazia olhar discretamente para todos os lados.

Fomos até o quarto. Paramos em volta do berço. Ficamos um tempo ali, só olhando para o meu filho (até hoje me bato para usar outro pronome). Depois me afastei um pouco, pensando no que ia fazer. Eu estava com medo de deixar os dois a sós, vai que ele era meio maluco. A verdade é que não o conhecia direito. Até então, eu tinha evitado me envolver com ele. Tudo que sabia é que ele era professor, solteiro, tinha quarenta anos e sangue A positivo. Mas agora que o meu filho tinha nascido, eu sabia que ele passaria a fazer parte da nossa vida. E por uma questão de respeito, e só por isso, acabei deixando os dois sozinhos no quarto. Claro que não consegui me distanciar, fiquei por ali, circulando pelo corredor.

Uma hora dei uma espiada e vi que ele estava andando pelo quarto com o meu filho no colo e olhando com certo fascínio para as paredes, para os dinossauros do papel de parede. Logo depois, ouvi uma vozinha dizendo: tilanossauro lex. Entrei no quarto. Ele calou-se, envergonhado. Depois disse: eu li que os bebês gostam de vozes agudas. É verdade, eu falei, e fiquei por ali. Falamos um pouco sobre o parto, sobre o tempo, sobre o

calor que estava fazendo. Logo depois, ele me entregou o bebê e pegou a mochila, que tinha deixado no chão, perto da porta. O resto do presente, que ficou faltando, ele me disse. Estudei as peças redondas de plástico que ele colocou na minha mão. Metade eram brancas, metade azuis, todas com a inicial do meu filho. Mandei gravar, ele me disse, apontando para as iniciais nas peças. São peças de futebol de botão?, perguntei. São, mas a gente prefere chamar de futebol de mesa. A gente? O pessoal que joga toda semana, ele respondeu. Acho que balancei a cabeça. Depois guardei os botões dentro da pasta de couro que ele tinha me dado, deduzindo que a pasta chamava-se ônibus por carregar os jogadores. E o esporte, você também joga?, perguntei, acho que procurando nele algum traço de virilidade. Futebol de mesa é esporte, ele me disse. Tô falando do de correr, insisti. Bem que eu queria, ele falou e, depois tenho uma perna um pouquinho mais curta do que a outra? Olhei para baixo, para as suas pernas. Claro que eu já tinha reparado que ele andava de um jeito estranho, mas não sabia que era por causa de um problema físico. Puta merda, pensei, o cara ainda é manco. E a partir daí, só quis que ele fosse embora. Deixei o assunto morrer e o acompanhei até a porta. Assim que ele saiu, voltei correndo para o quarto e tirei toda a roupa do meu filho. Estiquei suas perninhas e tentei medi-las com uma régua de escritório, a única que eu tinha, mas ele não parava de se mexer.

A natureza não contava com a nossa teimosia. Todo mundo sabe: era para as mulheres de quarenta anos estarem no fundo da caverna, com os dentes podres e os cabelos brancos, olhando seus netos e quem sabe bisnetos correndo lá

fora. Nós evoluímos e mudamos tudo ao nosso redor, mas a célula ainda não sabe disso. As meninas continuam amadurecendo para a maternidade aos doze anos. E o preço por ignorar a campainha do corpo e ter um filho décadas mais tarde é alto. Começando pela lombar. Como a desgraçada dói com o peso do bebê. Só não dói mais do que amamentar de três em três horas, vinte e quatro horas por dia. Na prática, isso significa que, durante alguns meses, a mãe nunca, em hipótese alguma, consegue dormir mais do que duas horas seguidas, o que pode ser razoável para uma garota de vinte anos, mas para uma quarentona é uma tortura.

Uma noite acordei com um choro vindo do berço às cinco da manhã. Peguei meu filho, sentei na poltrona, puxei a teta para fora. Deixei meu filho mamar à vontade, torcendo para que ele se saciasse só com a minha teta esquerda, mas ele também quis a outra, que estava com o bico rachado. Na primeira sugada a ferida já se abriu de novo. Mordi os lábios, buscando uma segunda dor para abafar a primeira. Claro que não adiantou: nada se compara a uma boca faminta sugando uma ferida. Depois de uns minutos, desencaixei-o um pouco e vi que ele estava mamando sangue. Lembro que pensei num parasita. Num ser apegado à vida, mesmo sem saber o que é a vida. Sem aguentar mais a dor, arranquei-o de mim e fechei a camisola. Quando amanheceu, liguei para o pediatra, ansiosa por um alento, por uma medalha de honra na minha farda azeda de leite, e também por um alívio, por uma autorização para minha teta ferida bater em retirada, mas o que ouvi dele foi apenas: (...)

|

(...) pode continuar, não tem problema ele  
**beber o teu sangue.** Posso pelo menos  
tomar um analgésico?, perguntei.

|

Não, ele me disse, o analgésico passaria pro leite, não é bom pro bebê. Entendendo quem era prioridade naquela história que se repetia desde o surgimento do homem, voltei para a cama e dormi sem nem tirar os chinelos.

Segundo uma amiga minha, o cara era o maior especialista em tetas do hemisfério Sul. Não seios aquelas coisas bonitas e redondas, assunto dos cirurgiões plásticos. Tetas mesmo. O borrachão funcional que de tanto ser chupado acaba com os bicos olhando para o chão. Pois bem. Fui falar com o tal especialista. Ele apalpou meu peito. Disse que o leite empedrou, por isso meu filho estava machucando meu mamilo, porque a mama estava tão dura que ele não conseguia abocanhar direito. Eu já imaginava que fosse isso. Ele sugeriu que eu fizesse compressa, eu já tinha feito. Ele sugeriu que eu esvaziasse a mama com uma ordenhadeira, eu já tinha tentado, com um aparelho tão eficiente que, segundo a embalagem, a mãe não precisava nem parar de trabalhar, podia continuar digitando no computador enquanto os dutos com o comando eletrônico puxavam o leite. Se é assim, ele me disse, não sei como te ajudar. O que posso fazer é te indicar uma especialista. Enquanto ele anotava a indicação num papel, olhei para a parede atrás dele, com diplomas que chegavam quase no rodapé, e fiquei pensando como devia ser a especialista do especialista.

Fui até o endereço no dia seguinte. Uma mulata gorda, de saia e chinelos, abriu a porta para mim. Andamos por um corredor. Paramos numa sala quase vazia, só com duas cadeiras. Ela disse para eu me sentar. Apalpou minhas tetas.

Deu uma risada e falou: vem comigo, vamos resolver isso agora. Fui atrás dela até o banheiro. Entramos, ela trancou a porta. Reparei que, na parede oposta a do espelho, tinha um pôster do Nelson Mandela. Tira a blusa e o sutiã, ela me disse. Obedeci. Ela tirou a blusa dela também. Tinha umas tetas que escorriam como um líquido escuro até o umbigo. Vou mostrar, você faz igual, ela me disse. Depois se inclinou para a frente, colocando uma mão em cada joelho, e começou a balançar o tronco para um lado e para o outro. Copiei o movimento. Em pouco tempo, o leite começou a jorrar. Vâmo, ela disse, e foi batendo palmas num ritmo acelerado, marcado, que fez com que eu me chacoalhasse cada vez mais rápido, como alguém que está dançando ou recebendo um espírito, até o leite sair esguichando com ainda mais força pelo chão e pelas paredes. Quando ela parou com as palmas, me endireitei, toquei uma das tetas. Estava vazia pela metade. Aprendi com a minha bisavó, angolana, ela me disse. A gente chama de (...)

|

(...) shake africano.

|

Quando estava saindo do banheiro, olhei para o pôster do Mandela. Ele estava com uma gota do meu leite bem na ponta do nariz.

Engraçado. Eu estava debruçada na janela quando ela chegou, mas não sabia que estava vindo ao meu apartamento. Ela chamou a minha atenção porque entrou pelo portão do prédio com um saco vermelho nas costas, como um Papai Noel fora de época. Mesmo quando o porteiro interfonou e disse: dona Marli, um nome que não me dizia nada, não achei que aquela senhora estivesse vindo ao meu apartamento. Só me toquei quando ela bateu na porta, quando a vi com o sacão nas costas através do olho mágico.

Ela limpou os pés antes de entrar. Um gesto automático, porque eu nem tenho capacho na porta. Em seguida me estendeu uma mão pequena e disse: sou a mãe do Fábio. Desculpe vir assim, sem avisar, mas eu não tenho o teu telefone. E, dando uma risadinha, continuou: ele tava demorando demais pra me trazer, achei o endereço e vim por conta. Fiz sinal para ela entrar. Quando vi, o saco já estava no sofá. Ela já estava lavando as mãos no lavabo. Voltou rapidinho até mim. Levantou os calcanhares e disse: vamos, num aguento mais esperar.

Levei-a para o quarto. Ela pegou meu filho no colo. Chorou duas lágrimas, uma para cada olho. Depois disse: desculpe, já é meu sexto neto, mas do Fábio... Eu nunca imaginei. Ainda com meu filho no colo, sentou-se na poltrona. Pediu que eu buscasse o saco na sala. Que eu tirasse o que tinha dentro dele. Era uma colcha, bordada à mão. Não é linda?, ela me disse. Fiz que sim e sorri para ela. Foi você que bordou?

Foi sim, minha filha. Eu costuro e bordo pra fora desde menina, só parei quando os chineses apareceram no mercado com essas peças baratas. Não dá pra competir com eles, né?, ela disse, e suspirou. Graças a Deus que minhas filhas ajudam a gente. A senhora é casada?, perguntei. Viúva, mas você sabe, o Fábio mora comigo. Aliás, ela continuou, e sorriu para mim, eu tô muito feliz que vocês tão namorando. Fiquei perplexa com a mentira que ele contou para a mãe, tanto que não consegui nem reagir. Ela continuou: porque me desculpe o que vou te falar, mas pra mim esse jeito que vocês fizeram meu neto não é coisa de Deus. Ela me deu o meu filho, voltou para a poltrona e continuou: mas eu sabia que um dia alguém ia enxergar o que o Fábio tem de bom. Porque ele pode ter esse jeito estranho, mas você sabe o coração que ele tem. Tive vontade de dizer: não, não sei, só sei que ele é um mentiroso do cacete, mas claro que fiquei quieta.

Fui colocar a colcha no berço. Quando olhei de novo para ela, ela estava distante, alisando a calça com as mãos. De repente, virou-se para mim e disse: mãe sofre, minha filha, você vai ver. Ela nem precisava me dizer, eu já estava vendo. Ou pelo menos começando a ver, porque desde que meu filho nasceu, eu andava sentido umas coisas estranhas. Era como se o meu emocional tivesse sofrido um corte mais profundo e ganhado uma nova camada, que me deixava experimentar mais amor e mais felicidade, mas também mais medo e mais dor. A maternidade, descobri, (...)

|

(...) é um ato de coragem, porque quem ama com tamanha intensidade se expõe ao mundo sem a **pele**. Perguntei para ela: **isso nunca vai passar?**

|

Nunca, ela me respondeu, sem eu nem dizer exatamente do que estava falando. Logo depois, ela se levantou, dobrou o saco até ficar bem pequeno e enfiou dentro da bolsa. Quando já estava saindo, deu uma última olhada no meu filho. É a cara do pai, disse, com o corpinho vibrando de satisfação.

Um dia ainda vão descobrir que o isolamento urbano mata mais do que o cigarro. Se estivesse na roça, eu estaria melhor. Eu teria mãe, avó, irmãs, quem sabe até umas primas por perto para dar uma força. Era assim que funcionava, e funcionava bem. Mas eu sou uma mulher dentro do recorte de uma janela, de um prédio de um condomínio, de um bairro, de uma cidade. Eu tenho que fingir que quero dançar com o meu bebê no colo para encontrar com algumas pessoas.

Foi uma amiga minha quem me falou desse negócio. Ela também tinha tido bebê, mas como ela morava do outro lado de São Paulo, ainda não tínhamos nos visto. Passei por uma recepção simpática, enfeitada com flores e mandalas. Depois subi uma escada que levava até o salão. Lá dentro, encontrei umas dez, talvez quinze mulheres, com seus bebês. A maioria estava sentada, conversando ou se aquecendo, outras ensaiavam passos na frente do espelho. A minha amiga era a única que estava acompanhada por uma babá. Sentei do lado dela. Conheci a filha. Tinha o mesmo nome dela: Carolina. Conversamos um pouco sobre as mazelas da maternidade. A minha amiga estava um pouco mais inteira do que eu porque, pelo que entendi, andava com aquela babá para cima e para baixo. Quando a Carolina Jr. começou a choramingar, a babá a levou para o trocador. Confirmei minha teoria de que, por trás das mulheres mais certinhas, se escondem as mais descacetadas. Porque mesmo à distância eu tinha

acompanhado a trajetória da Carolina. Ela ficou cinco anos tentando engravidar. Só falava nisso. E quando o bebê finalmente nasceu, ela resolveu terceirizar a tarefa de mãe para uma babá.

Alguns minutos depois, outra pessoa que eu conhecia apareceu. Essa eu nem sabia que tinha parido. Ela passou por mim com um bebezão amarrado no peito. Cutuquei a perna dela. Também ficou surpresa ao me ver. Fazíamos parte de um grupo que jantava de vez em quando, ela era filósofa, o marido era um figurão da indústria têxtil, dois tipos interessantes, já tinham morado na França, na China, no Vietnã. Ela me mostrou o filho. Chamava-se Walter. Bonito nome, eu disse. É em homenagem ao Benjamin, ela explicou, acredito que se referindo ao filósofo alemão, que eu sabia quem era porque ela mesma citou uma vez. Ela acabou sentando do meu lado e fiquei feliz em pensar que ia ouvir alguma história interessante, ela sempre tinha alguma história interessante para contar, mas a primeira coisa que disse, depois de se ajeitar no chão com o Walter, foi: teu filho faz uma média de quantos cocôs por dia? E daí para frente só ficamos na bosta. Ou, como ela mesma disse, na ausência nefasta da bosta. Porque o tal do Walter, ela nos contou, era constipado a ponto de ter o humor estragado. E não devia ser mentira, porque olhando para ele, dava para ver. Ele tinha aquele olhar melancólico de quem carrega resquícios excessivos do passado. E então ela nos contou que dia sim, dia não, tinha que aliviar o infeliz, enfiando um cotonete cheio de óleo naquele cuzinho inocente, que então se abria e devolvia ao mundo a massa escura da retenção. Acho que olhamos intrigadas para ela, porque, na sequência, ela disse: Que foi, o de vocês não caga escuro? E, a partir daí, Carolina e ela se

embrenharam na questão dos tons, enquanto eu olhava para toda aquela mulherada, para todas aquelas bocas se abrindo e se fechando, e tinha certeza de que todas, não importava quem fossem ou o que fizessem da vida, naquele momento só tinham um assunto. Tanto que nenhuma das minhas amigas se tocou de me perguntar, de quem, afinal, era o meu filho.

E então, surgiu a Dandara. Descalça, de cabelo quase raspado. Não com o filho no colo ou amarrado no peito, como todas as outras, mas pendurado nas costas. Como uma colhedora de trigo. Foi até o meio do salão. Apresentou-se. Disse que dava aulas de dança materna há seis anos, desde que teve o primeiro filho. Aquele, nas costas dela, era o terceiro. E tinha uma particularidade: não dormia nunca, só quando estava no colo, com a mãe em movimento. Então, as aulas, que sempre foram um prazer para ela, agora também eram uma salvação. Dito isso, abriu uma bolsa cheia de cortes de tecido e os ofereceu para quem não tinha. Peguei um, encaixei meu filho dentro e amarrei contra o peito. Olhei para o lado e vi a Carolina Jr., no colo da babá, olhando para a mãe.

Quando a música começou, tirando a Carolina, todas as outras estavam com seus filhos amarrados contra o peito. A Dandara nos mostrou uns passinhos razoavelmente simples, que treinamos até ficarem automáticos. Depois disse para seguirmos em frente, para nos soltarmos pelo salão com nossos bebês, com o único objetivo de curtir a música. Saí dançando no meio das outras mulheres, vendo passar por mim panos coloridos, floridos, listrados, rajados, com todo tipo de cabecinhas saindo de dentro. Uma dessas cabeças estava tentando sapear o mamilo da mãe. Um pouco mais tarde, passei de novo por eles e vi que o menino estava quase

engolindo a teta da coitada, enquanto ela, com seu corpo esturricado, tentava se manter no ritmo da música. Olhando para os dois, percebi que éramos casais. Casais como quaisquer outros: o Abusado e a Exaurida, o Ressecado e a Intelectual, a Carente e a Individualista, O insone e a Bailarina. Tentei pensar quem era eu e meu filho. (...)

A Mulher e seu Homenzinho foi a  
primeira coisa que me ocorreu.

Era um sábado à noite. Eu adoraria dizer que estava lendo um livro, assistindo a uma peça, tomando um drinque com os amigos. Mas sejamos sinceros: nenhuma mãe recém-nascida faz nada disso. Eu estava, para variar, indo trocar uma fralda. Só que, quando abri a gaveta, descobri que as fraldas tinham acabado. Lembrei que a Dandara tinha me dado uma de pano para experimentar. Peguei-a, enrolei em volta da bunda do meu filho e preendi com um alfinete, coisa que nunca tinha feito, tanto que me atrapalhei e espetei a barriga dele. O sangue, escorrendo naquela pele imaculada, me tirou do controle e trouxe à tona um monte de sentimentos que estavam socados dentro de mim.

Depois de fazer um curativo e embalar meu filho até ele dormir, fui procurar alguma coisa para me acalmar. Como não podia tomar remédio, quanto mais um calmante, fui atrás da única coisa fumável que tinha naquela casa: um charuto que um amigo me deu na maternidade. Encontrei-o no fundo de uma gaveta. Fui até a janela e acendi. Mesmo sabendo que não devia tragá-lo (as substâncias químicas do charuto também passariam para o leite), traguei. Eu queria ficar tonta, quem sabe conseguir deixar de ser eu mesma por alguns segundos. Porque eu andava me sentindo uma imbecil. Uma mulher tão inebriada pelo próprio ego que achou que podia romper com a tradição instintiva de todas as espécies e ignorar o rabo do pavão. Enquanto todas as outras fêmeas analisavam friamente onde iam esfregar seus ovários, eu era tão poderosa que nem precisava pensar nisso. Podia cruzar com um macho sem dinheiro, inepto socialmente, com uma perna mais curta que a outra e, isso sim era grave, que nunca dividiria a rotina pesada da maternidade e a rotina pesada da existência comigo, que não

tinha problema. Tanto que era só olhar para mim e ver que isso era verdade. Eu estava na cozinha às três da manhã com as tetas de fora e o short do avesso fumando um negócio que eu achava asqueroso e chorando sem parar. E mesmo depois de fumar e chorar, eu ainda estava mal. Ainda precisava fazer alguma coisa para aliviar a minha angústia. Então peguei o telefone e liguei para o Fábio. Não que eu precisasse. Eu podia muito bem entrar no carro e ir eu mesma comprar fraldas. Ou então podia pedir para a farmácia entregar. (...)

|

(...) Mas liguei para ele e pedi que me trouxesse um pacote, da marca Pampers, tamanho recém-nascido, modelo Noite & Dia, com camada ultra-absorvente e laterais com barreiras duplas. **E** (...)

(...) imediatamente. (...)

|

Acho que queria me vingar por ele não ser mulher e não estar passando por tudo que eu estava passando.

Às vezes eu ficava olhando para o meu filho e pensando o que ia dizer quando ele me perguntasse como conheci o pai dele. Ou, pior ainda, o que ia dizer se ele me perguntasse em que situação ele foi concebido. Porque a verdade, claro, não envolve flores nem serenatas. Tampouco amizade ou o singelo desejo de maternidade por trás de uma inseminação. A verdade, eu teria que dizer para ele, é que a mamãe andava tão a fim de dar que abriu as pernas para um cara de quem ela nem sabia o nome.

Não que eu seja uma ninfomaníaca. Eu só estava havia quase um ano sem fazer sexo. Quando um conhecido me convidou para uma festa, decidi que naquela noite eu ia dar de qualquer jeito. A idéia não era pegar qualquer coisa que aparecesse na frente (apesar de desesperada, eu ainda mantinha algum critério). Como eu sabia, e confirmei ao chegar, a festa tinha alguns conhecidos meus, um pessoal relacionado ao mundo da moda, e tinha inclusive um cara com quem já tinha saído, e não me importaria em repetir a dose.

Foi nesse cara que eu foquei. Por focar, entenda-se: cumprimentar, bater um papinho, depois ficar sorrindo à distância. Ele retribuiu os sorrisos. Veio até mim. Acho que ficamos uma hora conversando. Depois fomos para a pista, começamos a dançar e, quando percebi, o filho da puta estava virado para o outro lado, se insinuando para uma modelo que surgiu do gelo seco como um ser vindo de outra dimensão. Sem drama, reliquei meu radar e saí de novo à procura.

Enganchei num sujeito interessante. Assim como eu, era diretor de produção de uma marca de roupas, tínhamos assunto para conversar. E não só de trabalho. O cara era do tipo que entendia um pouco de tudo, lembro que (sei lá por quê) ficou me explicando sobre os caubóis do atum, sujeitos que jogam a rede no mar para pegar atuns e, não podendo matá-los, porque se matam a carne endurece, tocam a boiada de atuns vivos por mais de quatrocentos quilômetros debaixo da água, defendendo-os no braço dos tubarões que aparecem para os atacar, e enquanto me contava isso, percebi que ele só podia estar cheirado, porque falava sem parar e com uma empolgação que fazia parecer que estava me revelando os dez mandamentos. Não que eu me importasse com o que ele estava enfiando no nariz. Quem era eu para falar de sobriedade? Na ânsia de curar a ânsia, eu já tinha tomado quatro gins-tônicas, ia a caminho do quinto. O problema, e isso só fui perceber um tempo depois, é que a cocaína devia ser mais gostosa do que eu, porque ele preferia encarar a fila do banheiro de quinze em quinze minutos e ficar fungando sem parar do que me beijar na boca. Quando ele foi embora, a caminho de uma boate, a festa já estava meio vazia. Mas para uma mulher que saiu de casa decidida a dar, a baixa densidade demográfica não é um empecilho.

Fui conferir as sobras da noite. Tinha um cara que eu já tinha visto circulando pela festa. Não era dos mais bonitos e andava de um jeito estranho, mas tinha uma barba que eu gostei: clara, quase ruiva, que me fez pensar num soldado russo. Lembro que estava vestindo um blazer grande demais para ele (entre meus amigos, diríamos desalinhado) e conversando com um senhor de boina, que fumava um cachimbo. Imaginei que

fossem dois intelectuais. Ou alguns dos artistas excêntricos com quem o dono da festa costumava se relacionar. Fazendo uso do meu velho truque do cigarro, fui pedir fogo. O senhor do cachimbo me emprestou o isqueiro e logo depois saiu fora. Ficamos só eu, o barbudo e nossas sombras projetadas contra a parede. Não lembro bem do que falamos, já estava muito bêbada, mas lembro que não tínhamos nada em comum porque foi difícil entabular uma conversa. Já estava de saída quando, ao reparar que eu estava segurando um cigarro numa mão, um copo na outra e a bolsa embaixo do braço, ele atravessou o jardim e voltou com uma mesinha, que pôs ao meu lado. O gesto me derrubou e me arrastou para o éden pelos cabelos, porque além de estar carente de sexo, eu também estava carente de atenção. Botei a tranqueirada em cima da mesinha e dei um beijo nele.

Perto da gente, tinha uma edícula. Uma salinha vazia, só com alguns tatames no chão, onde o dono da casa devia meditar ou fazer ioga. Arrastei-o até a salinha e fechei a porta. E a próxima coisa que lembro é da gente já meio pelado no tatame, o teto rodando, eu com uma vontade desgraçada de vomitar, e de pernas abertas, tão obstinada em cumprir a minha missão que não me importei quando ele disse que não tinha camisinha. E quando ele já estava lá dentro, percebi que a trepada seria uma merda, porque além de estar bêbada e, portanto, com dificuldade de gozar, eu estava com um cara que parecia ter sido apresentado a um clítoris naquele momento. Mas ele não tinha noção da própria incapacidade. Ele gozou achando que eu também estava gozando. Quando acabamos, nem quis fumar um cigarro. Catei a minha bolsa e já fui me vestindo. Ele disse: me dá teu telefone. E logo depois corrigiu: deixa que eu te dou

o meu, você me liga se quiser, tô cansado de ouvir não. Como é mesmo seu nome?, perguntei para ele. Fábio, ele me disse. Anotei o telefone e fui embora.

Uma hora depois, o Fábio apareceu com as fraldas. Eu tinha me arrependido de ligar para ele. Foi uma coisa que fiz sem pensar, no auge da minha angústia. (...)

|

(...) Depois que me acalmei, eu só queria dormir, mas aí era **tarde**. (...)

|

(...) Ele já estava ali, com o pacotão debaixo do braço. Tá difícil fazer cocô hoje em dia, tive que ir em três farmácias pra achar esse modelo, ele disse, apontando para a ilustração na embalagem. Obrigada, falei, e não tendo outra saída, convidei-o para entrar.

Fomos para o quarto do meu filho. Ao pegá-lo no colo, percebi que ele estava com cocô até a nuca. A fralda de pano, mal colocada, fez com que a merda fosse se espalhando pelo corpo à medida que meu filho se mexia. Expliquei para o Fábio o que tinha acontecido (nenhuma mãe quer passar por incompetente). Depois, levei meu filho para o banheiro e, enquanto preparava o banho, fui limpando aquela bosta toda. Quer ajuda?, ele perguntou. Eu não estava muito acostumada com esse tipo de oferta, fiquei sem saber o que dizer. Vê se a água tá muito quente. Num tá não, tá boa. Quer que eu dê o banho? Ele me perguntou. Levantei a cabeça e olhei para ele. Assisti a um tutorial de banho de bebê na internet, eu sei fazer. Não é assim que pega?, ele falou, e quando vi ele já estava pegando o meu filho. Fiquei surpresa ao ver a destreza que ele tinha, imaginei-o com aquelas mãos fazendo uma bola chata deslizar pela mesa (e minha imaginação parou por aí). Depois me inclinei sobre a banheira, fiquei em estado de alerta, a postos para acudir qualquer acidente, mas não teve nenhum.

O tutorial devia ser bom, porque além de fazer tudo direito, ele lavou as costas e o bumbum do meu filho de um jeito engenhoso, muito melhor do que eu costumava fazer. Enrolamos o meu filho numa toalha e fomos até o quarto. Depois de vesti-lo, deixei-o dormindo e saímos na ponta dos pés.

Perguntei para o Fábio se ele queria tomar um café. Ele tinha pegado dois ônibus, parado em algumas farmácias, achei que merecia essa gentileza. Fomos até a cozinha. Enquanto eu botava a cafeteira no fogo, ouvi-o fungando o ar. Cheiro esquisito, ele disse. Você andou fumando alguma coisa? Claro que não, eu falei. Ele tocou numa cinza que estava sobre o balcão com a ponta do dedo e disse: tô vendo. Quase disse que ele não tinha nada a ver com o que eu fazia, mas a verdade é que ele tinha, afinal o que eu tinha fumado passaria para o meu leite, que passaria para o meu filho. E o que tinha a ver com o meu filho, tinha a ver com ele. Resolvi mudar de assunto. Sabia que tua mãe veio aqui?, perguntei. Sabia, ele disse. Veio conhecer o neto e a tua namorada, falei, com um tom de censura na palavra namorada. Você nunca mentiu pra deixar alguém feliz?, ele me perguntou. Claro que não, eu disse, obviamente mentindo.

Sentamos à mesa. Perguntei uma coisa que sempre tive curiosidade de saber: como, afinal, ele foi parar na festa do meu amigo. Você lembra de um predinho bem atrás da casa, um predinho de três andares que dava pra ver do jardim? Eu disse que sim. Apesar de a minha memória ser fraca, eu lembava mesmo, porque o predinho era o único no meio de várias casas, uma construção pequena e antiga, que devia estar ali desde muito antes de o bairro virar o bairro caro que virou. Ele disse que quando o meu amigo fazia festa, ele convidava o pessoal do prédio (eram só sete apartamentos) para que ninguém tivesse coragem de reclamar do barulho, porque teve uma vez que um cara reclamou e a polícia acabou com a festa. Claro que a maioria dos moradores do predinho não ia, porque eles sabiam que, no fundo, não eram bem-vindos, mas ele resolveu ir

naquela noite, estava a fim de espairecer a cabeça e beber de graça. E o cara do cachimbo, que tava com você, quem é?, perguntei. Seu Hermes, aposentado, meu vizinho de baixo, ele disse. Ele foi porque gosta de ver mulher rica. Aliás, continuou, o seu Hermes mandou os parabéns pelo bebê. Manda um abraço pra ele, eu disse.

Depois, ficamos em silêncio, só ouvindo o barulho da colher batendo na xícara, da xícara pousando no pires. Pensei em alguma coisa para puxar assunto, mas nada me ocorreu. Um tempo depois, ele pegou o adoçante e, olhando para a embalagem, disse: você sabia que uma empresa, uma única empresa no mundo, detém todos os direitos de venda do aspartame? Balancei a cabeça. É por isso que eu prefiro açúcar, ele me disse, e pôs mais uma colherada na xícara. Percebi que ele estava fazendo um esforço para manter a conversa, para ficarmos um pouco mais próximos. Resolvi me desculpar. Disse: Fábio, foi mal eu ter ligado agora no meio da noite. Ouvi que você tava com uma mulher, ouvi a voz no fundo, e ainda assim te enchi o saco pra trazer as fraldas. Tudo bem, ele falou, não era nada de especial, é só uma viúva que eu como de vez em quando. Você nunca casou?, perguntei. Ele balançou a cabeça. Disse: as mulheres querem muita coisa da vida, as mulheres podem ter tudo e mesmo assim vão descobrir uma coisa além de tudo pra querer, e eu não seguro essa onda. Depois ele pôs a xícara no pires, olhou para mim e disse: e você, tem namorado? Claro que não, falei, sou mãe de um recém-nascido. Um dia eu até tentei fazer alguma coisa, chamei uma babá e fui jantar com um cara, mas na hora que a gente começou a se pegar, saiu leite dos meus peitos, lambuzou todo o assento do carro dele, ele disse que o carro ficou fedendo azedo uma semana. (...)

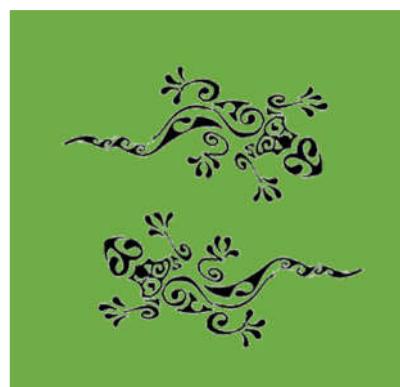
|

Sem disfarçar, ele olhou bem para os meus peitos e deu risada. **Acho** que ri também. Depois apoiei o queixo na mão e fechei os olhos. Você tem que dar de mamar? **Só daqui a uma hora**, eu disse para ele. (...)

|

(...) Então vai tirar um cochilo, eu cuido do nosso filho, ele falou. Sem dizer nada, fui até o meu quarto e deitei na cama. Acho que o dia já estava quase nascendo porque ouvi uns passarinhos lá fora. Fechei os olhos e pensei no meu filho, deitado no quarto ao lado, respirando, ouvindo os mesmos passarinhos que eu. Senti uma coisa boa. Logo depois, peguei no sono.





Visite nosso site!

[confrariadaslagartixas.com](http://confrariadaslagartixas.com)

e siga-nos nas redes sociais!

@confrariadaslagartixas